

Ezequiel Martins Ferreira
(Organizador)

Psicologia:

Formação profissional, desenvolvimento e trabalho



Ezequiel Martins Ferreira
(Organizador)

Psicologia:

Formação profissional, desenvolvimento e trabalho



Atena
Editora
Ano 2022

Editora chefe

Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Editora executiva

Natalia Oliveira

Assistente editorial

Flávia Roberta Barão

Bibliotecária

Janaina Ramos

Projeto gráfico

Bruno Oliveira

Camila Alves de Cremo

Luiza Alves Batista

Natália Sandrini de Azevedo

Imagens da capa

iStock

Edição de arte

Luiza Alves Batista

2022 by Atena Editora

Copyright © Atena Editora

Copyright do texto © 2022 Os autores

Copyright da edição © 2022 Atena Editora

Direitos para esta edição cedidos à Atena Editora pelos autores.

Open access publication by Atena Editora



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição *Creative Commons*. Atribuição-Não-Comercial-Não-Derivativos 4.0 Internacional (CC BY-NC-ND 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores, inclusive não representam necessariamente a posição oficial da Atena Editora. Permitido o *download* da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Todos os manuscritos foram previamente submetidos à avaliação cega pelos pares, membros do Conselho Editorial desta Editora, tendo sido aprovados para a publicação com base em critérios de neutralidade e imparcialidade acadêmica.

A Atena Editora é comprometida em garantir a integridade editorial em todas as etapas do processo de publicação, evitando plágio, dados ou resultados fraudulentos e impedindo que interesses financeiros comprometam os padrões éticos da publicação. Situações suspeitas de má conduta científica serão investigadas sob o mais alto padrão de rigor acadêmico e ético.

Conselho Editorial**Ciências Humanas e Sociais Aplicadas**

Prof. Dr. Adilson Tadeu Basquerote Silva – Universidade para o Desenvolvimento do Alto Vale do Itajaí

Prof. Dr. Alexandre de Freitas Carneiro – Universidade Federal de Rondônia

Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná

Prof. Dr. Américo Junior Nunes da Silva – Universidade do Estado da Bahia

Profª Drª Ana Maria Aguiar Frias – Universidade de Évora

Profª Drª Andréa Cristina Marques de Araújo – Universidade Fernando Pessoa



Prof. Dr. Antonio Carlos da Silva – Universidade Católica do Salvador
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Arnaldo Oliveira Souza Júnior – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Carlos Antonio de Souza Moraes – Universidade Federal Fluminense
Prof. Dr. Crisóstomo Lima do Nascimento – Universidade Federal Fluminense
Prof^ª Dr^ª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Daniel Richard Sant’Ana – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia
Prof^ª Dr^ª Dilma Antunes Silva – Universidade Federal de São Paulo
Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Farias – Universidade Estácio de Sá
Prof. Dr. Elson Ferreira Costa – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima
Prof. Dr. Gustavo Henrique Cepolini Ferreira – Universidade Estadual de Montes Claros
Prof. Dr. Humberto Costa – Universidade Federal do Paraná
Prof^ª Dr^ª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Prof. Dr. Jadilson Marinho da Silva – Secretaria de Educação de Pernambuco
Prof. Dr. Jadson Correia de Oliveira – Universidade Católica do Salvador
Prof. Dr. José Luis Montesillo-Cedillo – Universidad Autónoma del Estado de México
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Prof. Dr. Kárpio Márcio de Siqueira – Universidade do Estado da Bahia
Prof^ª Dr^ª Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal do Paraná
Prof^ª Dr^ª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Prof^ª Dr^ª Lucicleia Barreto Queiroz – Universidade Federal do Acre
Prof. Dr. Luis Ricardo Fernandes da Costa – Universidade Estadual de Montes Claros
Prof. Dr. Lucio Marques Vieira Souza – Universidade do Estado de Minas Gerais
Prof^ª Dr^ª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof^ª Dr^ª Marianne Sousa Barbosa – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Pontifícia Universidade Católica de Campinas
Prof^ª Dr^ª Maria Luzia da Silva Santana – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Miguel Rodrigues Netto – Universidade do Estado de Mato Grosso
Prof. Dr. Pedro Henrique Máximo Pereira – Universidade Estadual de Goiás
Prof. Dr. Pablo Ricardo de Lima Falcão – Universidade de Pernambuco
Prof^ª Dr^ª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof^ª Dr^ª Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador
Prof. Dr. Saulo Cerqueira de Aguiar Soares – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Prof^ª Dr^ª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Prof^ª Dr^ª Vanessa Ribeiro Simon Cavalcanti – Universidade Católica do Salvador
Prof. Dr. William Cleber Domingues Silva – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins



Psicologia: formação profissional, desenvolvimento e trabalho

Diagramação: Camila Alves de Cremo
Correção: Maiara Ferreira
Indexação: Amanda Kelly da Costa Veiga
Revisão: Os autores
Organizador: Ezequiel Martins Ferreira

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

P974 Psicologia: formação profissional, desenvolvimento e trabalho / Organizador Ezequiel Martins Ferreira. – Ponta Grossa - PR: Atena, 2022.

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Inclui bibliografia

ISBN 978-65-258-0635-8

DOI: <https://doi.org/10.22533/at.ed.358220410>

1. Psicologia. 2. Consciência. I. Ferreira, Ezequiel Martins (Organizador). II. Título.

CDD 150

Elaborado por Bibliotecária Janaina Ramos – CRB-8/9166

Atena Editora
Ponta Grossa – Paraná – Brasil
Telefone: +55 (42) 3323-5493
www.atenaeditora.com.br
contato@atenaeditora.com.br



Atena
Editora
Ano 2022

DECLARAÇÃO DOS AUTORES

Os autores desta obra: 1. Atestam não possuir qualquer interesse comercial que constitua um conflito de interesses em relação ao artigo científico publicado; 2. Declaram que participaram ativamente da construção dos respectivos manuscritos, preferencialmente na: a) Concepção do estudo, e/ou aquisição de dados, e/ou análise e interpretação de dados; b) Elaboração do artigo ou revisão com vistas a tornar o material intelectualmente relevante; c) Aprovação final do manuscrito para submissão.; 3. Certificam que os artigos científicos publicados estão completamente isentos de dados e/ou resultados fraudulentos; 4. Confirmam a citação e a referência correta de todos os dados e de interpretações de dados de outras pesquisas; 5. Reconhecem terem informado todas as fontes de financiamento recebidas para a consecução da pesquisa; 6. Autorizam a edição da obra, que incluem os registros de ficha catalográfica, ISBN, DOI e demais indexadores, projeto visual e criação de capa, diagramação de miolo, assim como lançamento e divulgação da mesma conforme critérios da Atena Editora.



DECLARAÇÃO DA EDITORA

A Atena Editora declara, para os devidos fins de direito, que: 1. A presente publicação constitui apenas transferência temporária dos direitos autorais, direito sobre a publicação, inclusive não constitui responsabilidade solidária na criação dos manuscritos publicados, nos termos previstos na Lei sobre direitos autorais (Lei 9610/98), no art. 184 do Código penal e no art. 927 do Código Civil; 2. Autoriza e incentiva os autores a assinarem contratos com repositórios institucionais, com fins exclusivos de divulgação da obra, desde que com o devido reconhecimento de autoria e edição e sem qualquer finalidade comercial; 3. Todos os e-book são *open access*, desta forma não os comercializa em seu site, sites parceiros, plataformas de *e-commerce*, ou qualquer outro meio virtual ou físico, portanto, está isenta de repasses de direitos autorais aos autores; 4. Todos os membros do conselho editorial são doutores e vinculados a instituições de ensino superior públicas, conforme recomendação da CAPES para obtenção do Qualis livro; 5. Não cede, comercializa ou autoriza a utilização dos nomes e e-mails dos autores, bem como nenhum outro dado dos mesmos, para qualquer finalidade que não o escopo da divulgação desta obra.



APRESENTAÇÃO

São 14, os artigos que compõem esta edição da coletânea, *Psicologia: Formação profissional, desenvolvimento e trabalho*, voltada para pensar a construção e o cotidiano do trabalho do profissional da Psicologia.

A história da disciplina no Brasil remonta à meados do século XIX, mas enquanto profissão é conquistada apenas nos meados do século XX, como resultado dos movimentos de construção de sociedades de Psicologia com a Sociedade de Psicologia de São Paulo (1940), da criação do curso de graduação em Psicologia pela PUC-RJ (1953), da regulamentação da profissão (1964) e instalação do sistema Conselho (1973, 1974).

Desde a década de 70 houve inúmeras conquistas quanto à aplicação da Psicologia em diversos setores como saúde, educação, comunidade, empresas, e se mantém a expansão para os mais variados seguimentos.

Os artigos que compõem esta coletânea apontam para algumas delas, mas não conseguem esgotar a amplitude. No entanto, mesmo com a diversidade manifesta, lutas ainda são necessárias para que haja melhorias e até mesmo para a manutenção do que já foi conquistado.

Para além da luta, uma boa leitura!

Ezequiel Martins Ferreira


SUMÁRIO

CAPÍTULO 1..... 1

O PERCURSO DA CONSTITUIÇÃO DA PSICOSE: UM ESTUDO PSICANALÍTICO EM FREUD E LACAN

Julia Reis Lousao


Ligia Gama e Silva Furtado de Mendonça

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.3582204101>

CAPÍTULO 2..... 13

PSICOTERAPIA DE ORIENTAÇÃO ANALÍTICA-JUNGUIANA NO PROCESSO DE LUTO POR MORTE

Michel Cleiton Andersson Daversa

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.3582204102>

CAPÍTULO 3..... 26

A DESSINCRONIZAÇÃO DO TEMPO NA DEPRESSÃO: UM ESTUDO SOBRE AS DEPRESSÕES E A TEMPORALIDADE EM UMA PERSPECTIVA SARTRIANA

Ana Carolina Besen de Souza

Zuleica Pretto

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.3582204103>

CAPÍTULO 4..... 41

BREVES CONSIDERAÇÕES SOBRE SEXUALIDADE DA PESSOA COM TRANSTORNO DE ESPECTRO AUTISTA

Heloisa Leal Carvalho Muller

Lisandra Marques de Oliveira

Cláudia Ramos de Souza Bonfim

Gabriely dos Santos Amadeu

Bianca Vitória Silva Albonetti

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.3582204104>

CAPÍTULO 5..... 54

PSICOLOGIA E LITERATURA: APROXIMAÇÕES POSSÍVEIS

Alexandre Collares Baiocchi

Camila Macenhan

Rodrigo Batista de Almeida

Arlete da Conceição Otto de Camargo

João Victor de Oliveira

Stefani Pacheco Skodowski

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.3582204105>


CAPÍTULO 6..... 67

ANARQUISMO E A PSIQUE HUMANA: UMA REFLEXÃO

Rodolfo Pereira de Borba

Daniela Viganó Zanoti-Jeronymo


Eliane Apararecida Haas Soares
Marília Daniella M.A. Cavalcante
Eliane Pedrozo de Morães
Tatiana da Silva Melo Malaquias
Dannyele Cristina da Silva
Paula Regina Jensen
Elisabeth Nascimento Lira
Raphaella Rosa Horst Massuqueto

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.3582204106>

CAPÍTULO 7..... 73

INTELIGÊNCIA EMOCIONAL NA VIDA DE UM PROFISSIONAL DE RECURSOS HUMANOS

Fernando Rodrigo dos Santos

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.3582204107>

CAPÍTULO 8..... 84

FORMAÇÃO CONTINUADA E SAÚDE MENTAL: A ANÁLISE DE UM PROGRAMA FORMATIVO EM MANAUS

João Raimundo dos Santos Silva Júnior

Maria Inez Pereira Alcântara

Neudimar Ferreira Pacheco

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.3582204108>

CAPÍTULO 9..... 97

O PLANTÃO PSICOLÓGICO NO ACOLHIMENTO DE PROFESSORES E ALUNOS EM SOFRIMENTO PSÍQUICO CAUSADO PELA PANDEMIA: UMA REVISÃO DE LITERATURA SISTEMÁTICA

Francisca Iranete da Silva Ferreira

Mayra Serley Barreto de Oliveira

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.3582204109>

CAPÍTULO 10..... 111

A IMPORTÂNCIA DA FORMAÇÃO CONTINUADA NA EDUCAÇÃO ESPECIAL

Julianna Maria Fernandes Coêlho

Ezequiel Martins Ferreira

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.35822041010>

CAPÍTULO 11 127

QUESTIONÁRIO DE BULLYING DE OLWEUS VERSÃO VÍTIMA E VERSÃO AGRESSOR PARA ADOLESCENTES BRASILEIROS

Simone Thais Vizini

Telma da Silva Machado


Adriana Maria Alexandre Henriques

Paulo Renato Vieira Alves

Ana Paula Narcizo Carcuchinski

Morgana Morbach Borges


Márcio Josué Träsel
Denise Oliveira D'Avila
Flávia Giendruczak da Silva

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.35822041011>

CAPÍTULO 12..... 138

GAMETERAPIA COMO TECNOLOGIA ASSISTIVA


Sandra Maria Ponte
Andrea Marques Vanderlei Fregadolli
Adriana Cavalcante da Silva
Audeluze Maria Araújo Victor de Mendonça Lopes
Elizabeth Calheiros Borges
Isaac Assunção Ferreira

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.35822041012>

CAPÍTULO 13..... 154

**O USO DA AVALIAÇÃO PSICOLÓGICA (PSICOSSOCIAL) NO CONTEXTO DAS
NORMAS REGULAMENTADORAS: FISCALIZAÇÕES DO MINISTÉRIO DO TRABALHO
BRASILEIRO NAS ORGANIZAÇÕES**


Gilza Iale Camelo da Cunha Lopes
Antônio Robson Nogueira da Silva

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.35822041013>

CAPÍTULO 14..... 169

A DISFORIA DE GÊNERO NO PROCESSO TRANSEXUALIZADOR

Clariana Claro
Sabrina Cúnico

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.35822041014>

SOBRE O ORGANIZADOR..... 177

ÍNDICE REMISSIVO..... 178

CAPÍTULO 3

A DESSINCRONIZAÇÃO DO TEMPO NA DEPRESSÃO: UM ESTUDO SOBRE AS DEPRESSÕES E A TEMPORALIDADE EM UMA PERSPECTIVA SARTRIANA

Data de aceite: 03/10/2022

Data de submissão: 08/08/2022

Ana Carolina Besen de Souza

Psicóloga e pós-Graduada em Psicologia Existencialista Sartriana da UNISUL. Palhoça – Santa Catarina
<https://orcid.org/0000-0003-2488-8684>

Zuleica Pretto

Dra em Psicologia pela UFSC, Espaço Biografias – Atividades em Psicologia. Florianópolis – Santa Catarina
<https://orcid.org/0000-0002-6111-1041>

RESUMO: O presente artigo pretende discutir a dimensão temporal no viés existencialista sartriano e sua relação com a depressão. Buscou-se compreender como a temporalidade é experienciada quando se vive a alteração ou ruptura de um Projeto de ser. Noções sobre a constituição do sujeito e as emoções para o entendimento de uma psicopatologia fenomenológica e a depressão. Visto que ao pensar em uma psicopatologia fenomenológica o sujeito e sua vivência devem estar em foco, não a doença, a centralidade do Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais (DSM) presente no contexto clínico será questionada. O sujeito depressivo que vive seu Projeto de ser inviabilizado, diferente daquele que vive uma emoção não patológica, tem uma experiência temporal alterada. Sente que há uma dessincronização do tempo vivido.

PALAVRAS-CHAVE: Depressão. Existencialismo. Psicopatologia. Temporalidade.

THE DESYNCHRONIZATION OF TIME IN DEPRESSION: A STUDY ON DEPRESSIONS AND TEMPORALITY IN A SARTRIAN PERSPECTIVE

ABSTRACT: This article aims to discuss the temporal dimension of the Sartrian existentialist and its relationship with depression. I seek to understand how temporality is experienced when experiencing the alteration or rupture of a Project of being. Notions about the constitution of the subject and emotions for the understanding of a phenomenological psychopathology and depression. Considering that thinking about a psychopathology or phenomenological subject and his experience should be in focus, not doing, the centrality of the Diagnostic and Statistical Manual of Mental Disorders (DSM) present in the clinical context will be questioned. The depressive subject who lives his project of being unfeasible, unlike the one who lives a non-pathological emotion, has an altered temporal experience. I felt that there was a desynchronization of lived time.

KEYWORDS: Depression. Existentialism. Psychopathology. Temporality.

1 | INTRODUÇÃO

O fenômeno da depressão será abordado neste artigo através da perspectiva fenomenológica existencialista sartriana, com ênfase na temporalidade enquanto característica

fundamental na constituição do sujeito. Aspectos da formação da personalidade, emoções e ruptura de projeto serão abordados ao longo do estudo visando uma compreensão da vivência da temporalidade na depressão no contexto contemporâneo. Igualmente será discorrido sobre os alicerces da psicopatologia fenomenológica, sendo discutido seus contrapontos com a lógica psiquiátrica presente no Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais (DSM).

Na obra *Fenomenologia da Depressão - Aspectos Constitutivos da Vivência Depressiva*, Fabio Caprio de Leite Castro (2021) afirma que o termo depressão é recente no campo da saúde mental. Melancolia era o termo que mais se assemelhava à atual depressão, e estava associada ao fatalismo, ao sentimento de desvalor referente à ação humana enquanto potencial agente de transformação. Para Castro (2021), a depressão vivida pelo sujeito contemporâneo aparece como sintoma social, vinculada às condições da vida; por não saber a origem do seu desejo, o depressivo recua, e esse movimento remete a uma lentidão do tempo.

Scliar (2002) demarca que a melancolia surgiu a partir de uma noção de individualidade do sujeito que foi construída ao longo dos séculos, reforçada com a ascensão do sistema capitalista. Era utilizada para designar aqueles que eram acometidos de alguma forma de sofrimento psíquico. Já o termo depressão, segundo Castro (2021), passou a existir no decorrer dos séculos XIX e XX no campo da psiquiatria com a evolução psicopatológica e a necessidade de designar um termo técnico. Foi então que houve uma cisão dos conceitos melancolia e depressão nos diagnósticos. As definições de ambas são encontradas no DSM (2014) que buscou encontrar um significado próprio para cada um deles. Ao longo dos anos o manual teve alterações e se encontra atualmente em sua quinta edição, contudo, o modelo normativo do psicodiagnóstico destaca o viés positivista em detrimento dos estudos fenomenológicos dessas vivências (CASTRO, 2021).

Castro (2021) e Schneider (2017) questionam o modelo normativo de psicodiagnóstico do DSM, que surge com as descrições vagas e foco na sintomatologia. Apesar de subsidiar profissionais da saúde em sua prática, auxiliando a troca quando se fala em trabalho multidisciplinar, é necessário que se faça uma leitura crítica do manual. Isto é, não se trata de invalidar o uso do DSM, mas sim de colocar entre parênteses o reducionismo ao biológico ou ao social.

Castro (2021) avalia que os profissionais de saúde devem ter cuidado para não confundir depressão com a vivência de uma perda significativa. Porém, um dos critérios diagnósticos para depressão é descrito como humor depressivo pelo DSM, característica comum observada naqueles que vivem o luto. Isso contribui para a dúvida e incerteza quanto ao que é realmente a depressão. Da mesma forma, não existe no DSM uma explicação de como os sintomas e vivências estão relacionados entre si. Por mais que comumente seja visto uma associação entre depressão e ansiedade, não é apontado como ela se caracteriza. Além disso, a palavra ansiedade substitui o termo angústia, visto que

este é evitado. Igualmente, o uso de outras palavras como tédio, náusea, fadiga e insônia são referidos para descrever a fisiologia da patologia, de modo vago. Aspectos subjetivos como o sentimento de perda de esperança e a relação com o próprio corpo são citados rapidamente. Já a experimentação de vivenciar o tempo de forma alterada, assíncrona aos seus arredores não é citada nenhuma vez, conclui Castro (2021).

Ainda de acordo com o mesmo autor, devido a este modelo normativo, cria-se uma dificuldade em reconhecer uma psicopatologia fenomenológica na sociedade atual. A variabilidade das vivências dos sujeitos depressivos é desconsiderada, sendo a afetividade negligenciada no diagnóstico. Para Castro (2021), há um impacto cultural ao afastar a dimensão existencial do fenômeno das depressões em prol da hegemonia da lógica analítica.

Assim, para analisar a depressão a partir de uma psicopatologia fenomenológica e existencial, faz-se necessário questionar o modelo normativo do psicodiagnóstico. O existencialismo refuta o modelo racionalista vigente até o século XX. A ideia de que a psicopatologia é mental e está localizada exclusivamente dentro do sujeito, é colocada em questão pelo existencialismo sartriano. Nessa perspectiva, não cabe pensar em “eu interior, mente ou estrutura mental”, afirma Schneider (2017).

Conforme Schneider (2017), Sartre foi influenciado pelo psiquiatra alemão Karl Jaspers a partir da obra *Psicopatologia Geral*, que numa concepção fenomenológica, propõe a quebra do modelo hegemônico organicista e neurofisiológico predominantes nesse campo. Nessa obra, Jaspers evidencia a subjetividade como pilar, afirmando que esta se expressa concretamente no mundo através da práxis. Ademais, defende a indissociabilidade entre corpo e psique, e a compreensão do fenômeno da patologia pela vida do sujeito em sofrimento. Essa nova psicopatologia tem como fundamento a existência do paciente em suas diversas dimensões e não apenas na descrição sintomatológica do seu adoecimento, sendo definida como histórico-compreensiva.

Pondera Schneider (2017), que esta concepção remete a noção sartriana de projeto original, bem como aos fundamentos da psicanálise existencial proposta por Sartre, na obra *O Ser e o Nada*. O projeto original, escolha fundamental que cada um faz de si mesmo, se mostra em todos os atos, reflexões, pensamentos, emoções, expressões do sujeito no mundo, sendo, portanto, passível de ser observado, afirma Sartre (2015). Segundo a psicanálise existencial, para conhecer a especificidade de um projeto, deve-se partir da descrição das vivências do sujeito que sempre ocorrem em situação, isto é, a partir de uma unidade inseparável produzida pelas dimensões objetivas e subjetivas. Para o existencialista, essa investigação também será caracterizada pelo método compreensivo ou sintético, a saber, pela busca por entender o ser-em-situação, um singular-universal, uma totalização em curso.

Como o tratamento/intervenção com o sujeito depressivo do ponto de vista do existencialismo sartriano ocorre a partir do sujeito em sua totalidade e de sua especificidade

histórica, o DSM-V (2014) se mostra insatisfatório por não mostrar como os sintomas se relacionam uns com os outros, como vimos com a ansiedade e a depressão. Com isso, para Castro (2021), em uma clínica existencialista dificulta pensar a experiência unificada da história do paciente a partir do uso do manual diagnóstico, visto que este considera os sintomas constituintes da depressão de forma heterogênea.

Dados estatísticos ratificam a importância da discussão, acerca do fenômeno da depressão, que seguirá no decorrer do presente artigo. Em um estudo realizado pela Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF) em 2021, intitulado “Saúde mental na pandemia do Coronavirus Disease 2019 (COVID-19): um estudo brasileiro”, foi observado que 92,2% dos participantes apresentaram sintomas de depressão, 51% apresentarem sintomas de ansiedade e 52% sintomas de transtorno de estresse pós-traumático. Estudos realizados pela Fundação Oswaldo Cruz (Fiocruz), pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) e Universidade Estadual de Campinas (Unicamp) mostraram que 40,4% dos participantes se sentem frequentemente tristes ou deprimidos e 50,6% relatam terem se sentido nervosos e ansiosos durante a pandemia.

Para discutir o tema proposto, foi realizado um estudo teórico sustentado em produções atuais sobre a psicopatologia e a depressão numa perspectiva existencialista, tendo destaque as análises de Schneider (2017) e Castro (2021). Foram utilizados, como aporte analítico, três textos clássicos da obra sartriana: O ser e o nada (2015), Esboço para uma teoria das emoções (2018) e Transcendência do ego (2013), escritos que trazem elementos cruciais para refletir a diversidade das experiências humanas. Segundo Demo (2000, p. 20), a pesquisa teórica é “orientada no sentido de re-constituir teorias, quadros de referência, condições explicativas da realidade, polêmicas e discussões pertinentes”; assim, une conceitos, pensamentos, teses e polêmicas ao dialogar com estudos sobre os fenômenos.

Diante do exposto, elaborou-se reflexões sobre a psicopatologia fenomenológica, a relação entre a depressão e as emoções e, em seguida, sobre a depressão e a noção de temporalidade em Sartre, como segue.

2 | PSICOPATOLOGIA FENOMENOLÓGICA

Ao pensar em uma lógica organicista biomédica, o DSM se torna ferramenta imprescindível ao detectar novas patologias. Em contrapartida, o método compreensivo sintético proposto pela psicanálise existencial questiona seu destaque, visto que o manual indica uma pesquisa superficial de sinais e sintomas do paciente adoecido para pensar em seu tratamento. No DSM-V (2014), diferentemente da sua edição anterior DSM-IV (1994), a categoria “Transtornos Depressivos” foi separada da seção de “Transtornos Bipolares e Transtornos Relacionados”. Dentro desta classificação de transtornos depressivos estão: Transtorno disruptivo de desregulação do humor, transtorno depressivo maior, (incluindo

episódio depressivo maior), transtorno depressivo persistente (distímia), transtorno disfórico pré-menstrual, transtorno depressivo induzido por substância/medicamento, transtorno depressivo devido a outra condição médica, outro transtorno depressivo especificado e transtorno depressivo não especificado. Este capítulo aborda a sintomatologia para verificação de um possível diagnóstico, o DSM-V infere que:

A característica comum desses transtornos é a presença de humor triste, vazio ou irritável, acompanhado de alterações somáticas e cognitivas que afetam significativamente a capacidade de funcionamento do indivíduo. O que difere entre eles são os aspectos de duração, momento ou etiologia presumida (DSM-V, 2014, p. 155).

Além da falta de clareza na descrição dos sintomas depressivos, a centralidade na sintomatologia orgânica subsidia o mito reducionista que a causa das depressões é única e exclusivamente a falta do neurotransmissor serotonina no cérebro. O tratamento focado na medicação corrobora também para que a indústria farmacológica justifique que alguns dos efeitos colaterais da medicação sejam provenientes da própria depressão, avalia Castro (2021). Este afirma, ainda, que por mais que a ação química no cérebro concedida pela medicação tenha sua importância, não existe comprovação de que os transtornos de humor são consequência de um desequilíbrio químico, já que há evidências de que a cultura é um fator que influencia a forma como a vivência depressiva será experimentada.

Kehl (2015) tem críticas semelhantes em relação a este aspecto. Ela lembra que o uso contínuo de antidepressivos pode levar a um estado de insensibilidade, o sujeito fica impedido de sentir dor e em contrapartida de sentir desejo; além disso, nem sempre os efeitos adversos do uso prolongado do medicamento sejam explicitados para o paciente antes de sua administração.

Sobre o tratamento, Castro (2021, p. 55) reitera que “o DSM apresenta problemas em seu modelo classificatório do episódio depressivo, além da vagueza hermenêutica inerente aos critérios diagnósticos e da ausência de indicação sobre questões essenciais à vivência depressiva”, limitando a compreensão sobre o fenômeno. Já em um viés fenomenológico existencial a atenção ao paciente parte da vivência concreta, de sua biografia; efetua-se uma comparação entre as situações vividas a fim de chegar ao que é chamado projeto original e a partir disso a origem da depressão pode ser melhor entendida, bem como o caminho do seu tratamento (CASTRO, 2021). Como visto, porém, essa psicopatologia nem sempre é conhecida diante da hegemonia da racionalidade organicista.

De acordo com Schneider (2011), a fim de compreender como um sujeito pode vir a complicar-se psicologicamente, é preciso antes entender a formação da personalidade. Para isto, discorre a autora, é preciso assinalar a distinção entre o ego e a consciência efetuada por Sartre. A consciência é descrita como o nada existencial, é vazia, não tem conteúdo, só ocorre na relação com os objetos, configurando a dimensão da subjetividade. Unificada ao corpo, garantem a relação com o mundo, a dimensão objetiva. O ego, no

entanto, é decorrente da relação da consciência e corpo com o mundo. Assim, o sujeito se faz uma subjetividade objetivada por meio de uma relação histórica, temporal. Se evidencia pelo ser, algo que foi construído a partir do projeto, ao contrário da negatividade inerente ao nada, ao não ser, que qualifica a consciência.

Assim, antagonicamente a outras concepções psicológicas, para o existencialismo sartriano não é a consciência que adoece e sim o sujeito, visto que a consciência é falta, seria impossível que ela sozinha adoecesse. O sujeito enquanto consciência e corpo se move no tempo e no espaço, entre pessoas e coisas e, com isso, constrói uma história particular. Nesse processo, pode vir a complicar-se psicologicamente, sendo a psicopatologia uma perturbação psicofísica, proveniente da vida relacional. Essa noção se contrapõe a ideia de “conflitos de ideias”, “problemas do mundo interno”, “problemas mentais” mantidas pela psicanálise e a psiquiatria clássica (SCHNEIDER, 2011, p. 220).

Desse modo, com Schneider (2011), concebe-se que a psiquê na concepção de Sartre é sempre segunda ontologicamente porque o pensamento se produz pela materialidade, é produto de uma relação com o antropológico e sociológico.

Essa é a condição para se pensar uma nova psicopatologia, que, por fim, rompa com o subjetivismo e o mentalismo subjacente aos modelos anteriores e que supere a concepção de “doença mental” como patologia individual, isto é, como um mal produzido na “mente” de quem a sofre, ou como distúrbios de ordem neuroquímica, desconectada das suas relações sociais. Não é possível pensar em personalidade, em sujeito, no sentido sartriano, se trabalharmos com a lógica cartesiana, subjetivista, mentalista, mecanicista (SCHNEIDER, 2011, p. 222).

Da mesma forma que não é a consciência que se complica, também não podemos atribuir a vivência de acontecimentos ou eventos difíceis da vida o engendramento de uma psicopatologia. O sujeito pode sentir sofrimento e se afetar emocionalmente ao enfrentar problemas na relação amorosa, com a família, amigos, no âmbito do trabalho, fatalidades, perdas, sem que isso implique uma inviabilização de ser. A inviabilização de seu projeto e desejo de ser é que pode caracterizar a condição para uma experiência psicopatológica, de acordo com Schneider (2011).

Nessa última situação, portanto, o sujeito pode encontrar os caminhos pelos quais enxergava sua existência à sombra de um futuro rompido, e assim experimentar o seu não-poder-ser. Com a inviabilização do seu ser, as possibilidades do mundo em que vive não são mais vistas da mesma forma. Seus arredores perdem a graça, não se reconhece em suas tarefas, sente uma obstrução do eu. Na experiência depressiva, o sujeito se vê impedido de lançar-se em direção ao futuro, já que não localiza mais o seu desejo. Seu projeto é aniquilado e os instrumentos que lhe eram ofertadas pelo mundo, antes vistos como possibilidades agora perdem o sentido.

Dessa maneira, embora a alteração não desejada no Projeto de ser seja vivida com sofrimento pelo sujeito, nem sempre há a formação de uma psicopatologia. Caso não se

observe o futuro comprometido exprimido pelo não-poder-ser não se trata de experiência depressiva, provavelmente o sujeito experimenta outro tipo de emoção, por exemplo uma tristeza passiva, relacionada a circunstâncias pontuais, ou seja, consegue retomar o sentido de suas atividades em momentos posteriores, como pondera Schneider (2011). O tópico a seguir discorrerá sobre a relação entre depressão e as emoções em uma perspectiva existencial, bem como a diferença entre o transtorno e a experiência regular de emoção.

3 | DEPRESSÃO E AS EMOÇÕES

Qual a diferença entre a tristeza e a depressão? Para uma compreensão da disparidade entre eles, faz-se necessário retomar o estudo das emoções do ponto de vista sartriano. Em *Esboço para uma teoria das emoções*, Sartre (2018) afirma que toda emoção é sempre uma emoção relacionada a algum objeto. Por exemplo, o medo é sempre medo de algo, de algum objeto com o qual se relaciona, o mesmo ocorre com a ira, com a alegria e demais emoções. Mesmo nas vezes em que o medo aparece em uma situação em que o objeto não está bem definido, como o medo do escuro, é sempre de aspectos da escuridão que a emoção estará voltada. O sujeito emocionado não pode ser separado do seu objeto emocionador, eles estabelecem uma relação de indissociabilidade. Sendo assim, a emoção segundo Sartre (2018, p. 56) é “uma forma de apreender o mundo”.

Para compreender a consciência emocional, é necessário observar as diferentes formas de consciência, a consciência irrefletida e a reflexiva, como esclarece Sartre (2013). A primeira diz respeito às ações no mundo enquanto elas estão acontecendo, por exemplo, ler este artigo não é o mesmo que ter consciência sobre estar a lê-lo. Enquanto o sujeito age, está se relacionando diretamente com o objeto (artigo), já que sendo consciência irrefletida, também definida como de primeiro grau, não posicional de si, vive o plano da espontaneidade. Já na consciência reflexiva existe uma reflexão sobre o ato de ler o artigo, o objeto com que se relaciona é sua própria ação. Essa consciência reflexiva, quando o sujeito se coloca como objeto, também pode ser chamada de consciência de segundo grau ou não tética, posicional do eu. A ação de um sujeito no mundo é sempre uma constante passagem da consciência irrefletida para a reflexiva, como define Sartre:

Perceberíamos o problema (irreflexão-consciência no mundo), depois perceberíamos a nós mesmos como tendo o problema a resolver (reflexão), a partir dessa reflexão conceberíamos uma ação a ser concebida por nós (reflexão), e então tornaríamos a descer no mundo para executar a ação (irrefletida), considerando apenas o objeto agido [...] daí um vaivém constante que seria constitutivo da ação (SARTRE, 2018, p. 57).

Sartre (2018) aponta que a consciência emocional é *a priori* irrefletida. Isso significa dizer que, por exemplo, ao sentirmos medo não se tem consciência sobre estarmos sentindo medo. O medo é uma reação provocada por alguma situação e/ou objeto no mundo. Só é possível passar para a consciência reflexiva (se reconhecer como sentindo medo), quando

o sujeito vive a situação de modo não posicional. Ou seja, após este primeiro momento vivido na espontaneidade, o sujeito pode colocar a si mesmo como objeto a quem volta sua consciência.

A emoção também é entendida como a passagem do sujeito do mundo organizado para o mundo mágico em uma tentativa de reter o objeto emocionante de uma vez só, totalizando-o. Quando o indivíduo preenchido pela emoção de felicidade se põe a pular e dançar diante daquilo que o deixou feliz, isso é chamado de “conduta de encantamento” (SARTRE, 2018, p. 71). Isso significa dizer na alegria há uma aproximação do sujeito ao objeto desejante, se apropriando dele não de forma gradual, mas de uma única vez. A conduta de encantamento se dá para que seja possível a certeza de que o objeto será tomado como posse naquele instante porque seria insuportável não o fazer (SARTRE, 2018).

Sendo o ato de se emocionar caracterizado pelo mundo mágico, não existe possibilidade do sujeito não sentir alegria, tristeza e cólera enquanto se encontra enfeitiçado pelo objeto emocionador. Este mundo mágico reflete uma fuga do sujeito do mundo de utensílios, o mundo já determinado e se faz necessário agir através dos objetos para transcender sua realidade e assim se satisfazer. No entanto, não é algo deliberado. A emoção verdadeira não pode ser controlada, ela preenche o indivíduo emocionado por completo. O sujeito que tem medo pode parar de correr, mas não de tremer diante do que lhe causa temor (SARTRE, 2018).

Isso significa que a consciência altera sua relação com o corpo para que este mude sua relação com o mundo. Ao olhar para um objeto, sentir necessidade de possuí-lo, levar a mão de forma a obtê-lo e perceber que ele não está ao seu alcance, leva a transcender o desejo de tê-lo. Pensa-se que não tem tanto valor porque aquele objeto antes desejado não se mostra em um campo dos possíveis, logo, a realidade é transcendida. A qualidade que emana do objeto muda porque sua antiga qualidade de “poder tê-lo” é insuportável pela impossibilidade de possuí-lo (SARTRE, 2018).

Para discernir a emoção tristeza da depressão propriamente dita, é necessário que se compreenda como ocorre a constituição do Ego. Schneider (2011) ao referenciar a obra *Transcendência do Ego* de Sartre, afirma que o sujeito se totaliza através das ações, estados e qualidades. As ações são definidas por toda *práxis* humana realizada no mundo, o sujeito primeiro escolhe e transcende sua realidade através da ação. Já os estados são definidos por serem inseparáveis do ego, diferente das emoções que acontecem isoladamente em determinada situação. O ódio, por exemplo, é um estado. Quando se sente repulsa de alguém por uma única situação, é duvidoso que odeie essa pessoa. Ao pensar que se odeia o autor da situação que provocou a raiva, se transcende essa situação para o futuro, mas não necessariamente se mantém no que aconteceu. Já quando há uma sucessão de ações vindas de um mesmo autor que nos causaram repulsa, os acontecimentos se totalizam através das consciências de repulsa vividas no passado,

projetadas no futuro. A experimentação vivida torna-se estado. É a partir de algumas vivências de raiva consecutivas que pode-se dizer que se odeie certa coisa (SCHNEIDER, 2011). A depressão, nesse sentido,

pode ser o estado de uma pessoa que perante a qualquer desafio esmorece, que não consegue enfrentar nada de novo, para quem o mundo é insípido mesmo em um dia de sol, em um dia de festa. Esse estado depressivo é constitutivo do ser da pessoa, o que é diferente de uma pessoa que tem uma emoção de tristeza passiva diante de determinada situação de sofrimento, mas, depois de um certo tempo, volta a sentir o mundo vivo, com cores, a ter desejo de fazer as coisas (SCHNEIDER, 2011, p. 138).

Conforme Schneider (2011), isso significa dizer que os estados possuem constância, não esmorecem assim como as emoções. A depressão como estado pode vir a ocorrer quando alguma ou algumas situações são transcendidas em direção a um devir. Ou seja, quando uma vivência específica experimentada de forma espontânea e irrefletida, gera determinadas emoções, como a tristeza, esta se transmuta para situações futuras. Essas experiências não refletidas, por serem não posicionais, podem não ser reconhecidas e apropriadas pelos sujeitos. Já quando algumas situações foram demasiado significativas ou quando acontecem repetidas vezes, o sujeito pode tomá-las como objeto de consciência, apropriando-se delas como significativas para o reconhecimento de seu ser e de suas possibilidades.

A tristeza, segundo Castro (2011), pode estar presente no cotidiano, no entanto, na depressão existe uma profundidade que altera o seu modo de ser, tornando-se parte da sua existência. Enquanto a tristeza é da ordem da emoção, a depressão é da ordem do humor, o que torna o sofrimento do depressivo diferente daquele que vive uma angústia existencial. A diferença está na sintonia com o qual estes se relacionam com o mundo, suas possibilidades e com o tecimento do seu porvir. A depressão atinge o poder-ser do sujeito, ou seja, sua experiência temporal.

4 | DEPRESSÃO E TEMPORALIDADE

O conceito de temporalidade para a psicologia fenomenológico-existencialista é necessário para o entendimento do ser da pessoa, uma vez que o sujeito é concebido como uma totalização em curso. Afirmo Schneider (2011, p. 122):

Totalizar-se significa temporalizar-se, ou seja, produzir uma síntese dialética das experiências passadas, presentes e futuras que definem os contornos de quem é o sujeito, produzindo-o. Ser, para o homem, é estar localizado no tempo, é ter realizado certas coisas, fugido de outras, aprendido algo que não se sabia, ter amado alguém, sofrido em certas circunstâncias, enfim, ter sido determinada pessoa; também é planejar fazer certas coisas, projetar ser.

Em *O Ser e o Nada*, Sartre (2015) fala sobre como a temporalidade deve ser tomada como um fenômeno e não como uma sucessão de eventos que acontecem de forma

desassociada. O presente, passado e futuro acontecem simultaneamente quando se diz respeito a uma ontologia. Existir é ser essas três dimensões da temporalidade ao mesmo tempo como totalidade.

O passado é caracterizado por todas as ações vividas de um sujeito concretizadas em sua *práxis*. É tudo aquilo que foi objetivado no mundo material e não pode ser mudado. É o Em-si, aquilo que tem-de-ser, é imutável. Tudo aquilo que é, ou seja, tudo aquilo que já foi e não pode não sê-lo. É a partir da objetivação da sua subjetividade no mundo que a essência do sujeito passa a se formar. Tudo que sou, minha identidade, é meu passado e não existe possibilidade de não ser. Contudo, o sujeito não se define pelo seu passado à medida que pode tomar distância dele ao escolher-se no presente, voltando-se para o futuro (SARTRE, 2015).

O presente, caracterizado pelo Para-si, é a condição do sujeito ter que estar sempre sendo, projeto-de-ser. Viver o presente é sinônimo de ser presença diante de alguma coisa. Dimensão relacional da temporalidade, essa presença é sempre uma fuga do passado em direção a um futuro, se dá pela negação daquilo que é. É a transformação do nada (futuro) que se materializa (passado) a todo instante pela relação dialética com as relações constituídas no mundo, assim, indica a transcendência do que fui em direção àquilo que ainda não sou, ao meu futuro (SARTRE, 2015).

Este futuro se define por seu porvir, pelo ser que ainda não é. Todas as ações do presente estão sempre à margem de um futuro à sua frente. A consciência presente está intrinsecamente ligada a essa distância caracterizada pelo futuro, é a dimensão que transfere sentido ao presente. A existência, caracterizada pela carência, vê no futuro a possibilidade da sua plenitude para preencher o que falta. Busca coincidir o que se quer ser com aquilo que se é. Logo, o futuro é o “surgimento dos possíveis para suprimir a carência, é o sentido do para si” (CASTRO; EHRLICH, 2016, p. 34).

Através de um constante movimento reflexivo o sujeito sintetiza seu passado, presente e futuro. Dizer que o indivíduo se temporaliza é o mesmo que dizer que este se totaliza porque é através das suas experimentações com o tempo que irá definir os contornos do seu ser. A temporalidade, diferente dos objetos do mundo, só é vivida por um existente (SCHNEIDER, 2011).

É importante compreender que a dinâmica da temporalização ocorre do futuro para o passado, “através da ocorrência de forças reais advindas de um futuro que vão realizando a história e, portanto, ativando o passado e suas forças virtuais” (SCHNEIDER, 2011, p. 123). É comum que se observe o movimento contrário quando um sujeito pensa sobre si mesmo, sua história. Isso se dá por uma dificuldade em avaliar determinadas situações de forma abstrata, o indivíduo tende a analisar empiricamente sua experiência, indo de situações que viveu em seu passado até o presente. O que não se leva em conta, na verdade, é que o passado só tem força na relação temporal indissociável que tem com o presente e principalmente com o futuro. O sujeito sente que seu passado é o motivo pelo

qual se mantém onde se encontra hoje, principalmente quando se fala da compreensão do estado atual da sua psicopatologia, mas não pondera sobre como seu futuro tem impacto sobre suas afetações. Um paciente com agorafobia, por exemplo, que se sente ansioso ao viver situações públicas em meio a muitas pessoas, possui a certeza de ter sido sempre assim, antecipa que não existe possibilidade de mudar sua condição e que seu passado justifica (SCHNEIDER, 2011).

Faz parte do processo psicoterapêutico descrever situações passadas dentro de seu contexto histórico, temporal, antropológico, para que se possa desconstruir afetações enraizadas no sujeito que vive o peso do passado inalterável. Pensa que é aquilo que foi e não pode não sê-lo. Ao alterar sua relação com tais eventos o sujeito se vê novamente livre para viver seu projeto original (SCHNEIDER, 2011).

Conforme Castro (2021), ocorre na vivência depressiva uma dessincronização experienciada pelo sujeito deprimido do tempo subjetivo e do tempo objetivo. Se sucede uma ruptura com o futuro e não se vê mais o mundo e seus objetos como possibilidade. Há uma certa estagnação em relação ao porvir que é vivida pelo sujeito como uma inibição vital. Em outras psicopatologias a passagem do tempo continua, por mais que o futuro seja intimidador. A maneira como o sujeito se relaciona com o futuro pode ser de caráter evitativo, no entanto, ele permanece como sombra do seu porvir. Já na depressão o futuro aparece como já dado, sucessão inevitável do seu ser, seu destino. A não possibilidade então torna-se condição inerente ao depressivo, visto que seu futuro se evidencia pela sua concretude (CASTRO, 2021).

Castro (2021), referencia o artigo do neurologista alemão Erwin Straus publicado em 1928 sobre depressão endógena. Straus fala sobre como em dias bons, em que se é produtivo, quando se está imerso em atividades criativas no trabalho ou se vive um dia importante, inunda-se de novas impressões. São nesses dias que parece que o dia passa mais rápido: quando se dá conta, um longo período de tempo passou sem que assim parecesse. Em contrapartida, em dias monótonos e improdutivos no sentido de novas experimentações, se percebe que o tempo é moroso. No ambiente escolar, em alguma aula na qual a matéria não lhe é atrativa, também em longos períodos de solidão, como em uma viagem. Com esses exemplos, Castro (2021) faz uma distinção entre o tempo do eu e o tempo do mundo.

Na mesma obra, Castro (2021) cita o artigo de Fuchs (2005), intitulado “Temporalidade implícita e explícita”, que discorre sobre as experimentações do sujeito relativas ao tempo. A temporalidade implícita diz respeito ao tempo que se vive de modo tácito, ou seja, quando se está absorto em uma atividade e se esquece da passagem do tempo, o corpo é pura atividade e potência. Já o tempo explícito, refere-se a maneira como o corpo é experimentado como um obstáculo e resiste quando usado como instrumento. Um exemplo disso é quando o corpo adoce e é percebido como objeto ou empecilho na vida cotidiana, que pode causar uma sensação de desaceleração ou de não pertencer ao tempo

vivido. O sujeito se sente excluído do transcurso da vida e isso ocorre também no processo depressivo, quando há a vivência de dessincronização entre o ser e os seus arredores “As pessoas deprimidas não despertam mais no tempo, retiram-se das obrigações sociais e tem um sentimento permanente de terem sido excluídas ou esquecidas” (CASTRO, 2021, p. 2010).

Portanto, nas depressões observa-se que ocorre a sensação de alteração do tempo, que passa de forma mais lenta. O sujeito depressivo tem dificuldade em vivenciar o presente, este lhe aparece como o nada existencial, um vazio. Se caracteriza pela ausência. A compreensão de uma psicopatologia fenomenológica, em detrimento da rigidez da descrição sintomática da depressão, facilita o entendimento do processo de adoecimento, bem como as demandas e queixas do sujeito deprimido (CASTRO, 2021).

Considerar a atmosfera, ou seja, o contexto e situação em que vive o indivíduo deprimido torna-se segundo no cenário contemporâneo onde a medicalização encontra lugar de destaque no tratamento psicopatológico. Sartre (2018, p. 55), aponta que “a consciência emocional é, em primeiro lugar, consciência do mundo”. Ou seja, sujeito e objeto (aqueles com os quais se relaciona cotidianamente), não se desassocia. Destarte, não compreender o indivíduo em sua totalidade, como um vivente que se situa em determinada realidade sociológica e antropológica, compromete a compreensão da dimensão do seu adoecimento, e de seu tratamento.

Segundo Sartre (2018) a emoção é uma maneira de capturar o mundo, absorvê-lo. Por ser uma totalização em curso, o sujeito se constitui através da maneira como se move no mundo. Isso acontece através das suas escolhas e ações à sombra de um futuro. Está sempre em um movimento de vir-a-ser, ou seja, o indivíduo é sempre um ser incompleto enquanto um existente, não se totaliza. Schneider (2011, p. 122) afirma que “o homem é seu passado enquanto precisa viver seu presente no momento atual através de sua livre escolha em direção a um futuro”. Como visto anteriormente, existe uma passagem da consciência irrefletida para a reflexiva percebidos na ação humana. Esse movimento de vaivém que constitui a *práxis*, age de forma semelhante à temporalidade existencial.

A emoção, segundo Sartre (2018) por mais que seja desencadeada por uma percepção, retorna a todo instante ao objeto emocionador. O autor afirma que “o sujeito que busca a solução de um problema prático está fora no mundo, ele percebe o mundo a todo instante, através de todos os seus atos” (2018, p. 56). Da mesma forma, por ser uma totalização em curso, presente, passado e futuro não existem isolados. Os três elementos se sintetizam e a temporalização deve ser compreendida segundo Schneider (2011) do futuro para o passado. “(...) a constituição do tempo, se dá através da ocorrência de forças reais advindas de um futuro que vão realizando a história e, portanto, ativando o passado e suas forças virtuais” (2011, p. 123).

O sujeito contemporâneo que vive na era do imediatismo e da medicalização da emoção não patológica, acaba diminuindo a sua produtividade laboral, tem sua vivência

emocional anestesiada. Sua experiência temporal também fica comprometida, visto que o presente na atualidade é repleto de demandas. Na depressão ocorre, segundo Castro (2021, p. 175), uma “perda de sintonia com os acontecimentos externos e com os outros”, o que altera a relação com os objetos no mundo, há um rebaixamento emocional, uma sensação de vazio. Esse modo de ser “para baixo” da depressão pode ter ligação com a sensação de dessincronização com o tempo vivido, já que vive-se de forma lenta. Pelo futuro não mais ser visto como um possível, o presente e suas possibilidades tornam-se anuviadas, e o sujeito se vê impossibilitado de agir e assim transcender a situação em que se encontra.

5 | CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste estudo observou-se que para compreender o fenômeno da depressão é necessário antes compreender o sujeito. Este encontra-se tecido com o mundo e exerce sua *práxis* através de seu corpo no lugar em que se situa. As relações que estabelece são de ordem temporal, corporal, com seu lugar e com o outro. Na depressão, ocorre uma ruptura do Projeto do sujeito que age diretamente na esfera da personalidade, do reconhecimento de si. Embora constantemente seja feita uma comparação entre depressão e tristeza, a associação entre a emoção com o transtorno da ordem do humor é equivocada. A depressão não possui uma centralidade situacional decorrente de determinada situação significativa, mas sim de um conjunto de situações que atingiram o âmago do ser. Assim o sujeito depressivo, ao mudar a si mesmo, muda o mundo que o cerca. Aqueles objetos que antes se mostravam como utensílio às vistas de um fim, não mais o são. “A depressão não possui a localização espacial e temporal da tristeza, ela é invasora e permanente, ela não se concentra sobre um sujeito, mas impregna os objetos” (CASTRO, 2021, p. 151).

Por não poder mais imaginar seu ser lançando-se para um futuro, o sujeito vem a complicar-se psicologicamente. A relação temporal é uma das dimensões com a qual o sujeito experiência seu futuro inviabilizado. Com base na sua história, seu passado, concebe que sempre foi daquela forma e não há maneira de transcender essa situação. Essa é a condição para o surgimento de um quadro depressivo (SCHNEIDER, 2011). Na atualidade, emocionar-se pode se confundir com complicar-se psicologicamente, visto que existe uma pressão social para que o sujeito se recupere rapidamente de momentos em que vive a tristeza passiva durante um período difícil. A soberania normativa trazida pelo Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais afeta na construção da compreensão da definição do que é uma psicopatologia e como deve ser seu tratamento (CASTRO, 2021).

Na mesma direção, ao pensar no imaginário social e na relação entre as depressões e a temporalidade, na modernidade a experiência é destacada pela velocidade. Como os padrões sociais moldam como o sujeito irá temporalizar-se, o excesso de experiências capturadas no cotidiano tem impacto na sua vida. A cultura ocidental é responsável pela

falsa concepção solipsista de que o sujeito pode viver sozinho. Essa ficção do sujeito autônomo molda as relações e favorece o isolamento considerado patológico (CASTRO, 20121).

Com o isolamento surge a culpa e o sentimento de não adequação, que resulta na busca por uma resolução do problema de forma rápida. Existe uma ideia que permeia o pensamento contemporâneo de que todo sofrimento da vida deve ser anulado através de um tratamento farmacológico. Essa busca pelo conforto psíquico remete a uma fuga de conflitos e um evitamento à tristeza normal e não patológica. Quando a emoção atrapalha na produtividade e a rentabilidade monetária, ela é adormecida através da medicalização e não tratada. Novamente, o modelo normativo biomédico prevalece em detrimento das abordagens fenomenológicas (KEHL, 2015).

Essa lógica leva ao seguinte questionamento: o sujeito depressivo não tem valor? Se o tempo na contemporaneidade é caracterizado pelo seu valor monetário, seria a existência do depressivo, aquele que tem sua produção reduzida (quando esta existe), descartável? Ao pensar na saúde daquele que é acometido pela psicopatologia da depressão, como se pode viabilizar as possibilidades daquele que já é inviabilizado pela própria sociedade? Um sujeito sem espaço e amparo no seu próprio contexto sociológico é um sujeito que permanece adoecido.

REFERÊNCIAS

AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION - APA. **Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais**: DSM-5. Porto Alegre: Artmed, 2014.

ASSOCIAÇÃO AMERICANA DE PSIQUIATRIA – APA. **Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos mentais**: DSM-IV (4^a ed.), 1994.

CASTRO, F. G.; EHRLICH, I. F. **Introdução à psicanálise existencial**: existencialismo, fenomenologia e Projeto de Ser. Curitiba: Editora Juruá, 2016.

CASTRO, F.C.L. **Fenomenologia da depressão**: Aspectos constitutivos da vivência depressiva. Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio: NAU Editora; Lisboa: Editora Sistema Solar, 2021.

DEMO, Pedro. **Metodologia do conhecimento científico**. São Paulo: Atlas, 2000.

KEHL, M.R. **O tempo e o cão**: a atualidade das depressões. 2^a ed. São Paulo: Boitempo, 2015.

SARTRE, J. P. **A Transcendência do Ego**. Editora Vozes Ltda. Petrópolis, RJ. 2013.

SARTRE, J. P. **Esboço para uma teoria das emoções**. Porto Alegre: L&PM POCKET, 2018. 96 p. Tradução: Paulo Neves.

SARTRE, J. P. **O ser e o nada** - Ensaio de ontologia fenomenológica. 24. ed. - Petrópolis, RJ: Vozes, 2015.

SCHNEIDER, D. R. **Sartre e a psicologia clínica**. Florianópolis: Editora UFSC. 2011. 290 p.

SCHNEIDER, D. R. **Existe uma psicopatologia existencialista?** In: ANGERAMI, V. (Org). *Psicoterapia Fenomenológica-Existencial*. Belo Horizonte: Ed. Artesã, 2017.

SCLIAR, M. **O nascimento da melancolia**. Psicanálise e cultura, São Paulo, 2008.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUÍZ DE FORA. **Índice de pacientes com sintoma de depressão ultrapassa 90% na pandemia**: Pesquisa e Inovação. 2021. UFJF. Disponível em: <https://www2.ufjf.br/noticias/2021/04/07/indice-de-pacientes-com-sintoma-de-depressao-ultrapassa-90-na-pandemia/>. Acesso em: 13 fev. 2022.

ÍNDICE REMISSIVO

A

Acolhimento 13, 23, 48, 92, 97, 98, 99, 102, 104, 106, 108

Alunos 97, 99, 100, 102, 103, 106, 107, 108, 111, 112, 113, 114, 116, 117, 118, 119, 120, 121, 122, 123, 124, 125, 129, 130, 131, 132, 143

Análise fatorial 127, 136

Anarquismo 67, 68, 70, 71, 72

Avaliação psicológica 134, 154, 156, 157, 159, 162, 163, 164, 166

B

Bullying 127, 128, 129, 130, 131, 132, 133, 134, 135, 136, 137

C

Confiabilidade e validade 127

D

Delírio 1, 2, 3, 4, 6, 7, 8, 9, 10, 56

Depressão 16, 26, 27, 28, 29, 30, 32, 33, 34, 36, 37, 38, 39, 40, 73, 75, 76, 78, 80, 82, 100, 103, 104, 106, 107, 128, 131, 133, 164

E

Educação especial 111, 112, 113, 115, 116, 117, 118, 119, 120, 121, 124, 125, 169

Emoção 26, 32, 33, 34, 37, 38, 39, 73, 74, 75, 79, 82

Estádio do espelho 1, 2, 4, 5, 6, 11

Estigmas 41, 42, 45, 48, 50

Existencialismo 26, 28, 31, 39

F

Fantasia 1, 2, 3, 4, 6, 7, 8, 11, 56, 57

Fiscalizações 154, 158

Formação continuada 84, 86, 90, 94, 111, 112, 113, 117, 120, 122, 124, 125

Formação de professores 84, 87, 90, 117, 118, 119

G

Gameterapia 138, 140, 141, 142, 143, 144, 145, 146, 147, 148, 149, 150, 151, 152

I

Inteligência emocional 73, 74, 75, 76, 78, 80, 81, 82, 83

J

Jung 4, 13, 14, 19, 20, 21, 22, 24, 54, 55, 58, 59, 60, 62, 63, 64, 65

M

Meditação 73, 80, 81, 82

Ministério do Trabalho 154, 156, 157, 160, 161, 165, 166, 167

Morte 6, 7, 8, 13, 14, 15, 18, 19, 20, 21, 22, 23, 24, 71

Motivação 21, 81, 86, 138, 147, 152

N

Narcisismo 1, 2, 4, 5, 11

Normas regulamentadoras 134, 154, 155, 156, 157, 159, 160, 161, 162, 163, 164, 165, 166, 167

P

Plantão 97, 98, 99, 100, 101, 102, 103, 104, 105, 106, 107, 108, 109

Processo de luto 13, 15, 16, 17, 22, 23

Professores 49, 84, 87, 90, 92, 93, 94, 95, 96, 97, 99, 100, 102, 103, 104, 105, 106, 107, 108, 111, 112, 113, 116, 117, 118, 119, 120, 121, 122, 123, 124, 129, 132, 133, 136

Psicología 55, 65

Psicologia analítica 13, 14, 15, 19, 20, 23, 24, 54, 58

Psicologia organizacional 154

Psicopatologia 26, 27, 28, 29, 30, 31, 36, 37, 38, 39, 40

Psicose 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 10, 11

Psicossociais 61, 84, 87, 92, 154, 155, 156, 157, 160, 161, 162, 163, 165, 166, 167, 168

Psicoterapia 13, 14, 15, 20, 21, 22, 23, 24, 40, 58, 102, 134

Psique humana 22, 67, 68, 70, 71

Q

Qualificação permanente 84, 90

R

Razão 6, 15, 50, 57, 73, 79, 81, 86

Reabilitação 88, 90, 112, 114, 138, 139, 142, 144, 145, 147, 148, 150, 151, 152

S

Saúde do trabalhador 84, 85, 86, 87, 88, 89, 90, 95, 157, 161, 165

Saúde mental 14, 20, 25, 27, 29, 55, 67, 71, 84, 86, 87, 89, 90, 91, 92, 93, 96, 97, 98, 101,

106, 107, 108, 109, 129, 131, 150, 156, 161, 167

Sexualidade 5, 10, 41, 42, 44, 45, 46, 47, 48, 49, 50, 51, 52, 53, 55, 58, 70

Sufrimento psíquico 13, 21, 27, 97, 99, 106

T

Tecnologia assistiva 138, 140, 141, 149

Temporalidade 26, 27, 29, 34, 35, 36, 37, 38, 99

Transtorno de Espectro Autista 41, 43, 52, 53

Y

Yoga 73, 74, 81, 82

Psicologia:

Formação profissional, desenvolvimento e trabalho



Psicologia:

Formação profissional, desenvolvimento e trabalho

